

ESTYLISACÃO NACIONAL DE ARTE DECORATIVA APPLICADA

por Theodoro Braga



ONCORRENDO com um pequeno contingente ás grandiosas festas do primeiro centenario da nossa emancipação politica, escolhemos, como contribuição a esse certamen patriótico, a propaganda da intensificação de um movimento artistico que já deveria se ter operado, e que entretanto, nunca é tarde para que elle,

Iniciando-se nas aulas primarias elementares, se espalhe pelo povo, imperando nas officinas industriais, nos cursos praticos dos institutos profissionais, e vá ter o apoio official no curso superior das Bellas Artes.

Trata-se da orientação, desde já, a dar-se ao ensino de desenho, com caracter pratico, applicando-o na procura de fórmulas novas e typicas que constituirão, a seu tempo, o futuro estylo Brasileiro.

A nossa querida Patria, embora indivisa quer pela lingua e religião, quer pela sua extensão territorial, naturalmente limitada pelo Oceano a oriente e pelo poente pelas bacias do Amazonas e do Prata, unidas pelas cabeceiras dos seus respectivos tributarios, immensa e riquissima em todos os seus elementos naturaes, o Brasil, patria sacrosanta collocada na mais bella parte do mundo, possui, com essa inesgotavel fonte de inspiração, capacidade para crear, como outros povos crearam, um estylo que caracterise a arte nacional em todas as modalidades praticas de sua vida de grande povo que é.

Essa evolução não se faz rapida, é certo; mas necessita-se que todos os artistas, da fórmula e da palavra, congreguem seus multiplos esforços no sentido de marcar a geração do nosso tempo, o desenvolvimento moral, intellectual e artistico da nossa época com os indeleveis signaes de nossa passagem, com obras impereciveis de nossa personalidade civica.

A uberrima natureza que nos cerca, desde o mar, revolta e colorido, que acaricia a nossa extensa costa litoranea até aos pincaros alterosos dos nossos systemas orographicos, abrangendo,

nesse portentoso amplexo do oceano inquieto e da terra tranquilla, uma flora variadissima e uma fauna curiosa e caracteristica, a uberrima natureza, diziamos, dá-nos elementos com que poderemos, com estudo e intelligencia, semelhante ao mineiro, extrahir de tantas maravilhas, a maravilha suprema, synthese objectiva que será o padrão da época em que vivemos — estylo, caracter, typo, originalidade — facilitando aos posterios o caminho

por tantos feitos immortaes, conservando attenção na tela e no bronze, no livro e na pedra, o grande ensinamento de patriotismo ao mesmo tempo o direito de nivelarmo-nos com os demais povos cultos do universo?

Mas, não sejamos injustos: a grande arte pictural e esculptural, a literatura e a musica nacionaes já foram buscar neste ambiente patriótico elementos com que formaram joias preciosissimas da nossa existencia como povo. Pedro Americo, Victor Meirelles, Eduardo Sá, José de Alencar, Gonçalves Dias, Euclides da Cunha, Sylvio Romero, Carlos Gomes e tantos outros artistas patrióticos são os immortaes pioneiros desse trabalho de nacionalização da grande arte.

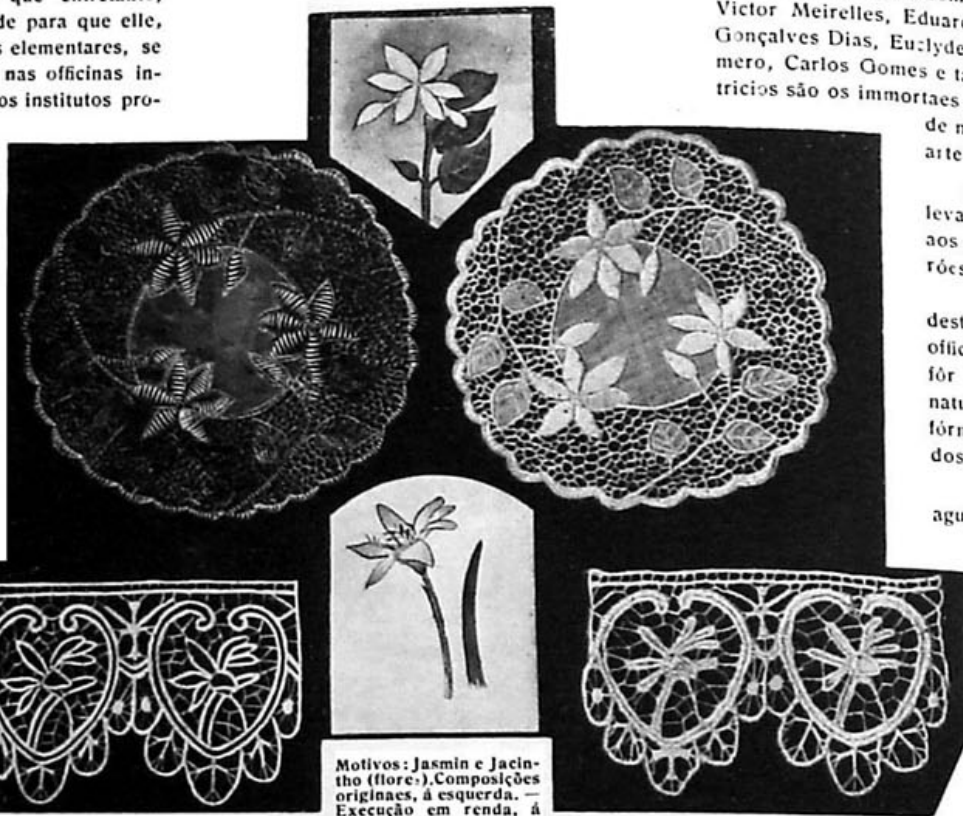
Resta-nos, porém, agora levar essa centella sagrada aos operarios Brasileiros heróicos desconhecidos.

E' preciso que, nas modestas como nas poderosas officinas nacionaes, seja qual for a sua especialidade, a natureza Brasileira presida a forma dos objectos produzidos.

Assim, porque escolher, aguias e leões, ursos e elephantes para ornamentação dos nossos edificios, exterior e interiormente, desde as fachadas dos monumentos aos mais delicados objectos de arte, quando a nossa fauna inesgotavel nos fornece a Harpya destructor, condor guyanense, imponente de força e altivez, erigindo a sua

crista parda, como uma regia corôa? A onça, rajada ou negra, no langoroso movimento felino de sagacidade e de rapidez? Porque não procurar entre as serpentes, desde a immensa e reatadaria sucuriú á rapida e traiçoeira cascavel, a voluta graciosa para os consolos ou capitais de columnas cujos fustes poderão ser interpretados das touceiras de assahy e de tantas outras primeiras flexuosas?

Porque repetir, dentro das nossas ornamentações, o louro e o carvalho, o marronnier e o pinheiro, quando nós, Brasileiros, possuímos a mais bella colleção de palmeiras, a mais luxuriante flôra, da matta, do sertão e da praia, as mais curiosas e extravagantes lianas e cipós esguios e direitos, tortuosos e enovelados, a mais interessante escala chromatica nas petalas das orquídeas



Motivos: Jasmin e Jacintho (flor). Composições originaes, á esquerda. — Execução em renda, á direita.

(TRABALHOS ESCOLARES DO CURSO DE ESTYLISACÃO DIRIGIDO PELO DR. THEODORO BRAGA, NO PAPÁ)

a seguir, levantando bem alto, como o lábaro da patria, a nossa personalidade inconfundivel.

E sinão vejamos: porque, nós artistas, seja da grande arte ou das artes applicadas, ao em vez de pesquisarmos scenas historicas de outros povos, ou assumptos biblicos ou mythologicos, não iremos nós, Brasileiros, buscar, na epopéa do descobrimento, da colonização ou da defeza da integridade do territorio nacional contra estrangeiros diversos, a evocação heroica desses feitos que argamassaram a constituição de nossa individualidade? Porque não perpetuar, com a nossa caracteristica, os elementos constituidores da nossa raça em evolução, legando, pela fórmula, todos os estagios desse progresso? Porque não espalhar, pela imagem, as épocas da Independencia, do 2.º Imperio e da Republica, illustradas

e flores campestres, a mais delicada quantidade de avencas, desde a erectil samambaia dentro da sombra humida dos valles á ressequida e recortada avenca rasteira dos campos descobertos, semelhante a longos lenções de renda caprichosa, na forma e na colloração variada?

Porque não buscar, na curiosa e pouco conhecida ainda cerâmica dos indígenas de Marajó, motivos delicados da ornamentação geometrica de coloração sóbria mas typica, afim de decorarmos fundos, frizas e rosaceas dos nossos muros, painéis, tapetes, mosaicos, etc., etc.? Para que, pois, escravizarmos-nos ás gregas copiadas e recopiadas e que o estrangeiro exportador nos impinge por preço que prejudica duplamente a nossa arte nacional?

Já é tempo de reflectir sobre essa nociva importação de má gosto adubada por uma literatura duvidosa.

Nada nos obriga a essa subserviência intellectual quando possuímos, como nenhum outro povo, a materia prima incomparavel e a intelligencia ductil e omnimoda dos nossos habilissimos operarios.

E' preciso, quanto antes, reagirmos no sentido de ser introduzido nas officinas manufactureras e sobretudo nas escolas primarias e profissionais a obrigatoriedade do ensino de desenho applicado á arte industrial.

Nada mais simples: diante da classe de alumnos um modelo natural—uma flôr, por exemplo; dentro da hora marcada, os aprendizes deverão desenhar-a e colorir-a; em outra aula, cada alumno desenhará a forma de um objecto para a qual a flôr estudada deverá entrar ou como decoração ou como constitutiva daquela mesma forma; o mestre não intervirá senão para corrigir defeitos e jámais como suggestionador; a pratica e o tempo farão o resto. Ao estudante, portanto, cabe toda liberdade e responsabilidade da obra que, embora imperfeita no começo, será, com a evolução esperada, original, pessoal e caracteristica. Assim, em uma classe de varios aprendizes, um mesmo modelo produzirá obras diversas, interpretado por cada um daquelles cerebros creadores.

Como a flôr, o modelo da aula seguinte será um animal dos multos que povoam os nossos museus de historia natural; com este, a marcação certa de um dos seus mais caracteristicos movimentos dará o motivo decorativo adaptavel a um destino preconcebido, tendo em vista a proporção do corpo estudado com o lugar a ser decorado.

Em seguida passa o alumno—aprendiz á officina onde elle irá executar o que o seu cerebro produziu, e ninguém mais apto do que o proprio autor, movido pela vaidade permittida de sempre fazer melhor, poderá formar um objecto com a perfeição e detalhes que elle mesmo concebera.

Desse conjunto de esforços individuaes, na procura do bello, advindo da contemplação da grande natureza atravez de uma sã sensibilidade, chegaremos um dia a deixar, na historia das Artes, o vestigio luminoso da nossa passagem,

como o fizeram os egypcios, os gregos, os etruscos e tantos e tantos outros povos e gerações, em varias regiões e epochas differentes, como que facilitando aos vindouros o estudo da archeologia, dos usos e costumes desaparecidos.

Nada ou pouco temos feito neste genero, porque enquanto nos descuidamos com a attenção presa ás cousas alheias, os estrangeiros vão, cuidadosamente, insidiosamente, enchendo a nossa casa e o nosso espirito com as suas velharias por elles regeitadas por demasiadamente repetidas e disseminadas, adulterando o nosso gosto, desviando a nossa intelligencia e diminuindo o valor do que é nosso e do que nos cerca.

Na decoração dos nossos edificios publicos porque ir buscar scenarios extranhos quando, n'um paiz extenso como o nosso, mal nos conhecemos a nós mesmos?

Porque, nos mappas muraes didacticos não substituímos nós, quanto antes, aquelles espalhados por todo o paiz, em lingua extranha reproduzindo extranhas scenas, por outros que nos ensinam como se preparam a borracha, o café, o matite, o tabaco, o assucar, o cacão, a castanha, a carnahuba, etc., desde a sua maneira de colheita á remessa para o consumo publico? Porque não nos fazer conhecer, por meio desses mappas escolares, a nossa historia natural atravez de imagens elucidativas do conjuncto e dos detalhes? Porque não trocarmos os livros de contos para as nossas creanças taes como *Le Chaperon Rouge*, *Cendrillon*, *Ali-Babá*, etc. por outros que lhes relem, atravez de boas illustrações, as graciosas lendas da Yara, do Jurupary, do Curupira, do Boto, etc., etc., e com as quaes Alfonso Arinos, no Sul, e José Coutinho de Oliveira, na Amazonia, compuzeram um bello contingente para a nossa literatura?

Alem de nacionalisarmos o que é nosso, espalhariamos por todo nosso paiz, regionalismos do norte que o sul desconhece e vice-versa, estreitando as nossas mutuas relações, conhecendo uns aos outros, fazendo o sertanejo do norte identificar-se com o gaúcho do sul, tudo n'um salutar intercambio nacional, fortalecedor da nossa individualidade como povo soberano que somos.

A pleiade de artistas patricios, que, subvencionados pelos Governos, segue para o estrangeiro para haurir os grandes e geraes ensinamentos, deveria, ao voltar, ser auxiliada, durante algum tempo, na applicação, como prova de seu aproveitamento, do seu esforço na construção dessa obra de nacionalisação da arte, construção essa que seria o estudo da nossa historia e da nossa natureza e cujo aprendizado popular pela imagem é o mais efficiente e duradouro.

Outro meio effizaz para conseguirmos esse anhelado seria o concurso annual das exposições de artistas nacionaes, cujos assumptos fossem escolhidos nos costumes regionaes.

Que interessante seria para todos, quanto ensinamento nos adviria das exposições de costumes

da Amazonia, do meio norte — sertão e praia, e dos pampas gaúchos? Que documentação preciosa guardaríamos de scenas do interior que tendem a desaparecer pela penetração fatal do crescimento de população levando consigo a civilização e novos usos? Porque não fazer conhecer a todos os aspectos naturaes das nossas bellissimas cachoeiras, paisagens, montanhas, campos geraes, costas atlanticas ora baixas, alagadas e cobertas de mangaes e aninhas, ora planas e arenosas, e ora escarpadas, cada qual mais caracteristico e variado?

Embora uno e indiviso, o Brasil, imensamente grande como a sua propria natureza, tem usos e costumes regionaes e que, devido á escassez ainda de meios facéis, rapidos e baratos de communicação, não são em sua grande totalidade, conhecidos uns dos outros.

Assim, todos esses preciosos elementos concatenados, conjugando energias e vontades para esse unico ideal da nacionalisação do que é nosso, facilmente vencerão obstaculos até agora intransponiveis.

De volta da Europa onde passámos cinco annos como pensionista do Governo Federal, na qualidade de alumno matriculado da Escola Nacional de Bellas Artes, e lá se vão dezeseis annos, toda a nossa attenção foi e tem sido dirigida nesse sentido, com plena satisfação de termos obtido não pequeno resultado; assim é que temos organizado um album estylizando a flora e a fauna Brasileiras, com applicações diversas; estudando o desenho decorativo das igacabas, tangas e vasos dos indios marajoáras, preciosa indumentaria ethnographica; compondo mappas muraes escolares com assumptos que nos educam e nos illustam; preparando livros de contos para creanças, com illustrações regionaes; ensinando o desenho applicado e tirando desse ensino os mais concludentes resultados, positivas provas de sua efficiencia; obtendo dos aprendizes do instituto profissional, do Pará, onde estivemos como director durante o fugaz espaço de dez mezes, os proveitos mais necessarios e uteis na orientação dada a esse ensino pratico do desenho.

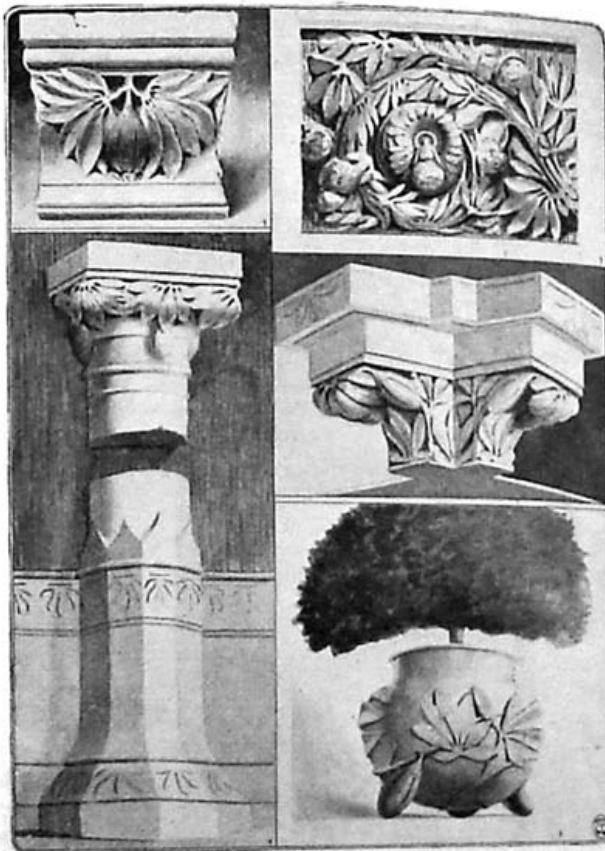
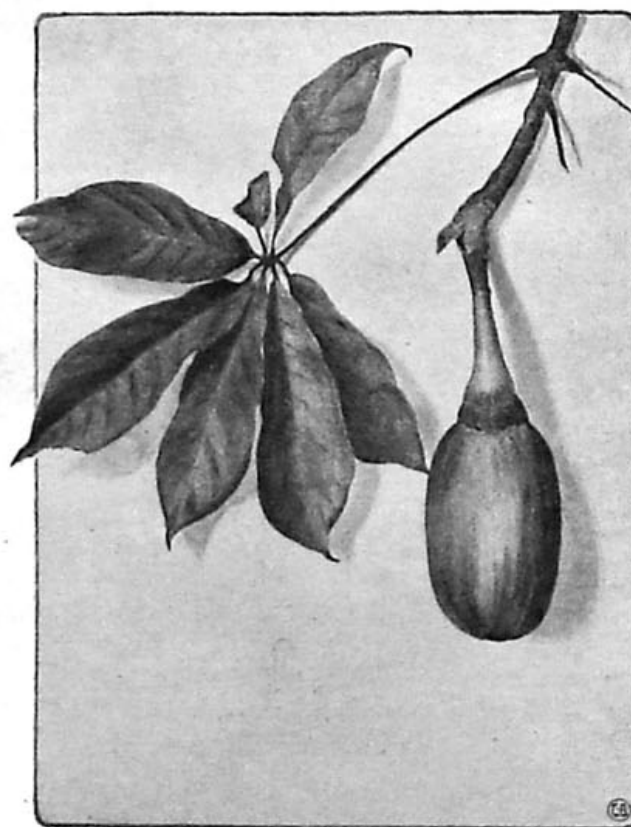
Urge, entretanto, a intervenção fiscalisadora do governo no ensino publico e particular, no que diz respeito á execução methodica dos programas; desse modo poder-se-á acabar com o obsoleto e prejudicial systema de ensinar-se desenho por meio das abominaveis estampas estrangeiras.

E daqui, desta mais importante revista nacional que é a *ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA*, fazemos um appello aos artistas patricios e aos homens de boa vontade, no sentido de concorrermos todos para a nacionalisação de nossa Arte, na procura de um caracteristico que marque a personalidade Brasileira, inconfundivel e superior.

E' necessario, é indispensavel fazermos alguma cousa de duradouro e que

« os que depois de nós vierem vejam o quanto se trabalhou por seu respeito para que elles para os outros assim sejam ».





Seringueira - *Hevea Brasiliensis* - Aspecto natural - Aplicações
 Munguba-Combox Munguba - Fructo e folhas ao natural - Aplicações